

As religiões da Costa da Guiné na  
ótica do comerciante Holandês Willem  
Bosman (1688-1702)

*The religions of the Guinea Coast from the  
perspective of the Dutch merchant  
Willem Bosman (1688-1702)*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i24.53336>

**Daniel Precioso**

Universidade Estadual de Goiás

<https://orcid.org/0000-0003-1605-7135>

daniel.precioso@ueg.br

## Resumo

Este texto consiste na tradução comentada da Carta X, intitulada “Descrevendo as várias religiões dos negros”, do livro *A new and accurate description of the coast of Guinea, divided into the Gold, the Slave, and the Ivory coasts*, do comerciante holandês Willem Bosman – publicado, primeiramente, em holandês no ano de 1702 e traduzido para o inglês em 1705. Traduzimos o texto de Bosman a partir da versão inglesa e concluimos que o comerciante holandês, apesar do seu acentuado etnocentrismo, realizou descrições etnograficamente relevantes para o estudo das religiões africanas, tal como praticadas na costa da Guiné durante as duas últimas décadas do século XVII.

## Palavras-chave:

Willem Bosman, religiões da costa da Guiné, décadas finais do século XVII

## Abstract

This text consists of an annotated translation of Letter 10, entitled “Describing the several Religions of the Negroes”, from the book *A new and accurate description of the coast of Guinea, divided into the Gold, the Slave, and the Ivory coasts*, by the Dutch merchant Willem Bosman – first published in Dutch in 1702 and translated into English in 1705. We translated Bosman's text from the English version and concluded that the Dutch merchant, despite his marked ethnocentrism, made ethnographically relevant descriptions for the study of African religions, as practiced on the coast of Guinea during the last two decades of the 17th century.

## Keywords

Willem Bosman; religions of the Guinea coast, final decades of the 17th century.

## Apresentação

O mercador holandês Willem Bosman (1672-?) chegou à costa da Guiné em 1688, com apenas 16 anos, e lá permaneceu até 1702. À serviço da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WYC), ele galgou degraus na carreira comercial, passando da condição de aprendiz à de *opperkoopman* (comerciante).<sup>1</sup> Em sua estadia na África Ocidental, Bosman circulou pelas costas do Ouro, dos Escravos e do Marfim, colhendo dados econômicos, políticos e culturais, que registrou por escrito em suas cartas.

Em 1702, após retornar à Holanda, Bosman publicou suas cartas sobre a costa da Guiné sob o título de *Nauwkeurige beschrijving van de Guinese Goud- Tand- en Slavekust*.<sup>2</sup> Em 1705, seu livro recebeu uma versão inglesa, intitulada *A new and accurate description of the coast of Guinea, divided into the Gold, the Slave, and the Ivory coasts*. Uma edição fac-símile desta tradução inglesa foi republicada em 1907 por influência do colonialista Alfred Lewis Jones.<sup>3</sup> Por mais de um século após a sua primeira edição, a obra de Bosman permaneceu como a descrição mais confiável da costa da Guiné, sendo ainda hoje uma importante fonte para o estudo daquela região entre as décadas finais do século XVII e o início do XVIII.<sup>4</sup>

Em *A new and accurate description*, Bosman relata detalhes significativos das chamadas “Guerras Komenda” (1694-1700), travadas entre a WYC e a Companhia Real Britânica pelo controle dos direitos comerciais no reino de Eguafô, das quais ele participou ativamente. Também descreve em pormenores o funcionamento do comércio de escravizados em Elmina<sup>5</sup> e no *hinter-*

---

1 Seu sobrenome – Bosman – foi cunhado na costa da Guiné, provavelmente, em alusão à autoridade que gozava como comerciante da WYC.

2 Cf. WILKS, Ivor. Bosman New and Costly. *The Journal of African History*, 9 (1): 164-166, 1968.

3 Cf. BOSMAN, Willem. *A new and accurate description of the coast of Guinea, divided into the Gold, the Slave, and the Ivory coasts*. London: Printed for Sir Alfred Jones by Ballantyne, 1907.

4 “A costa da Guiné foi a primeira região da África tropical descoberta pelos europeus; ela foi tema de toda uma série de obras a partir de 1460, aproximadamente (Cadamosto), até o início do século XVIII (Barbot e Bosman).” FAGE, John D. A evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO, Joseph. *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 6.

5 Elmina é o topônimo holandês para o castelo de São Jorge da Mina – feitoria portuguesa construída no contexto da expansão marítima, que foi tomada pela WYC em 1637.

land. Como observou John D. Fage, grande parte de *A new and accurate description* possui “grande valor histórico, porque fornece testemunhos diretos e datados,”<sup>6</sup> ainda que o pesquisador atual deva – amparado nas reconstituições já feitas da história da África Ocidental – avaliar corretamente muitas das afirmações de Bosman.

A seguir traduzimos a Carta X do livro de Bosman, que discorre sobre “as várias religiões dos negros” da costa da Guiné de fins do século XVII.<sup>7</sup> Logo de início, Bosman esclarece que havia diferentes tipos de religião na região examinada, declarando que a sua intenção não foi realizar uma descrição exaustiva, mas tão-somente tratar das principais semelhanças que julgava haver entre estas religiões, as quais ele resumiu a duas principais: “religião pública” e “adoração” dos deuses.<sup>8</sup> No entanto, como veremos, ele também trata de diversos outros aspectos destas religiões.

Segundo Bosman, os “negros da Costa”<sup>9</sup> conheciam um “Deus verdadeiro”, criador do mundo e de todas as coisas, mas “de forma grosseira e indigesta”. Como se vê, o comerciante holandês assinala a existência de uma explicação monoteísta nativa para a origem do universo, mas, preconceituosamente, desdenha o modo como os guineenses a concebiam. Ele também deplora o fato de, “em tempos de necessidade”, os nativos não fazerem “oferta à Deus, nem o invoca[re]m”, apelando apenas aos seus “fetiches”.<sup>10</sup> Bosman associava

---

6 FAGE, A evolução da historiografia da África, p. 6.

7 A tradução a seguir foi feita a partir da edição inglesa de 1705.

8 BOSMAN, *A new and accurate description*, p. 145-146.

9 Esta expressão é usada por Bosman para se referir à totalidade dos habitantes da costa da Guiné com os quais travou contato. Usamos a expressão entre aspas, a fim de resguardar este sentido.

10 *Idem*, p. 146. Como observou Wyatt MacGaffey, a noção de “feitiço” (fetiche) – articulada à de “ídolo” (idolatria) – foi criada pelos portugueses que travaram contato com a África subsaariana a partir do século XV. Cf. MACGAFFEY, Wyatt. *Fetishism Revisited: Kongo Nkinsi in Sociological Perspective*. *África* 47, 1977, p. 172. O termo “fetiche” deriva da palavra portuguesa “feitiço”. Ao que parece, o termo começou a ser usado na Costa do Ouro, mas logo foi exportado e aplicado pelos viajantes na vizinha Costa dos Escravos. Como elucida Luis Nicolau Parés, o conceito de “fetiche” se referia tanto ao “ídolo” (materialidade) quanto ao culto (imaterialidade). Cf. PARÉS, Luis Nicolau. *O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 30-36. O “fetiche”, em termos técnicos, pode ser definido como o objeto que possui poderes mágicos em si mesmo ou que contenha alguma substância mágica. WILLETT, Frank. *Arte africana*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2017, p. 291. Desde fins do século XV, cronistas e viajantes portugueses registraram o uso de “ídolos” e

a palavra “fetiche” ao que julgava serem “falsos deuses” adorados localmente, porém, não identificava integralmente os ingredientes/objetos sagrados a que chamava de “fetiches” com os “ídolos” (imagens de deuses), embora ambos fossem – como ele aponta – utilizados em rituais divinatórios, juramentos, julgamentos de suspeitos de cometerem crimes e em feitiçarias endereçadas à inimigos.<sup>11</sup> Os “negros da Costa do Ouro”, por exemplo, não estariam familiarizados com a adoração de imagens, embora em Acra, segundo Bosman, houvesse “milhares de ídolos”.<sup>12</sup>

À parte a crença generaliza no Deus criador, os discursos sobre a gênese humana diferiam substancialmente entre os povos da costa da Guiné. Com efeito, Bosman arrola diferentes explicações nativas para esta gênese: alguns povos das regiões que percorreu acreditavam que os homens foram criados por uma Grande Aranha; outros (como os da Costa do Ouro) afirmavam que os homens saíram de “buracos e covas”; outros, ainda, defendiam que brancos e negros foram criados simultaneamente, mas que Deus teria dado o governo das minas de ouro aos negros (por escolha deles) e o domínio das Letras aos brancos. De acordo com esta última crença, a escravização dos negros pelos brancos foi uma forma de punição divina à avareza dos primeiros.<sup>13</sup>

Em determinadas passagens de seu relato, Bosman usa de ironia, debochando das religiosidades locais, como ocorre, por exemplo, ao tratar da pena de morte dada pelo “fetiche” aos ladrões, o que, na sua opinião, não seria um castigo pelo roubo em si – segundo ele, algo “livre” e corriqueiro na costa da Guiné –, mas motivado por causas alheias, como o desejo de eliminação de

---

“fetiches” no continente africano; primeiro, na África Ocidental e, posteriormente, na África Central. Pacheco Pereira, por exemplo, em *Esmeraldo de Situ Orbis* (1506-1508), definiu os africanos do delta do Níger como “idólatras” – embora não descreva os “ídolos” que estes povos veneravam. Sobre o Benim, escreveu: “Há muitos abusos no estilo de vida desta gente, seus fetiches e idolatrias [...]” PE-REIRA, Pacheco. *Esmeraldo de Situ Orbis*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1956, p. 132 e 134. Em fins do século XV, o cronista português Rui de Pina, a respeito do Reino do Congo, relatou que o mani soyo, após converter-se ao catolicismo, “ordenou que se queimasse todos os fetiches e, possivelmente, as imagens dos ancestrais.” SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 363.

<sup>11</sup> Idem, p. 147-148.

<sup>12</sup> Idem, p. 161.

<sup>13</sup> Idem, p. 146-147.

inimigos.<sup>14</sup> Bosman também aproveita para zombar dos católicos, aproximando-os dos “idólatras” e “crédulos” da África Ocidental.<sup>15</sup> No trecho de seu relato referente aos feitiços feitos pelos povos locais para envenenar seus inimigos,<sup>16</sup> Bosman ironicamente afirma que preferia pisotear tais feitiços a provar do venenos dos italianos, mestres neste tipo de assassinato.<sup>17</sup> Bosman diz também que, se fosse possível converter os negros à religião cristã, o que ele julgava ser impossível, os mais aptos para este trabalho seriam os católicos romanos, pois estes, segundo ele, concordariam com os negros em vários aspectos da sua fé – especialmente no tocante às suas “cerimônias ridículas”, pois os romanos, como os “negros da Costa”, também se abstinham do consumo de carne em certas ocasiões.<sup>18</sup>

Sempre que um juramento era firmado na costa da Guiné, afirma Bosman, fazia-se “fetiche” para “uma confirmação posterior”. Assim, quem jurava, tinha de ingerir uma “bebida-juramento” (licor alcoólico), sob pena de morte ocasionada pelo “fetiche” em caso de quebra da promessa. Este mesmo procedimento ocorria em contratos firmados entre duas ou mais nações africanas da região, visando a extirpação dos seus inimigos comuns. Novamente, Bosman ironiza a eficácia dessa prática religiosa: ele diz que os habitantes locais sabiam como quebrar esse juramento, o que faziam deixando de (ou ameaçando não) pagar o sacerdote oficiante ou persuadindo-o a quebrar o conjuro; ou, ainda, fazendo-o beber e jurar com as partes envolvidas para, assim, melhor preservar o que fosse jurado.<sup>19</sup>

---

14 Idem, p. 148-149.

15 Vale lembrar que os protestantes em geral, a exemplo de Lutero e Calvino, patriarcas da Reforma Protestante, costumavam comparar os católicos com aqueles que definiam como “pagãos”, “idólatras” e “supersticiosos”.

16 Isto é, dos alimentos e bebidas exorcizados pelo feticheer (isto é, pelo sacerdote dos “fetichees”) que os “negros da Costa” espalhavam pelos caminhos percorridos pelos seus desafetos para causar-lhes a morte.

17 Idem, p. 147-148.

18 Idem, p. 154. Entre os “negros da Costa”, segundo Bosman, a crença em determinados tabus alimentares – muitos deles seguidos por toda a vida – derivava da tradição dos ancestrais, os quais, segundo os habitantes locais, os estabeleceram desde o início do mundo. Idem, p. 154-155.

19 Idem, p. 150.

Ao relatar a crença local de que os que quebrassem o juramento acima, tendo bebido o licor (bebida-juramento), inchariam até explodir/morrer, Bosman compara esse credo com uma passagem do Antigo Testamento, segundo a qual a água-juramento bebida pelas mulheres judias adúlteras da época de Moisés fazia a barriga delas crescerem e as tornava inférteis. De forma semelhante à do relato bíblico, os acusados de roubo na costa da Guiné também seriam submetidos à essa bebida-juramento para limparem-se da acusação ou, inversamente, em punição ao crime cometido.<sup>20</sup>

Bosman apontou a existência de várias outras formas de juramento entre os guineenses, mas se ateuve à exposição daquela que considerou a mais comum e prestigiada. Segundo o comerciante, cada sacerdote-*feticheer* tinha o seu “ídolo” particular, preparado/ajustado de maneira própria. Para realizar juramentos perante estes “ídolos”, os sacerdotes se valiam de um “grande cachimbo de madeira”, cheio de ingredientes, como terra, sangue, ossos, penas, cabelos etc., os quais eram colocados juntos/empilhados sobre ele.<sup>21</sup> Desde que expurguemos os termos etnocêntricos,<sup>22</sup> este trecho do relato de Bosman possui grande valor etnográfico. A descrição que Bosman faz do modo como o “ídolo” é consultado durante juramentos e dos ingredientes usados no “fetiche” também são etnograficamente valiosos.<sup>23</sup>

Os “falsos deuses”, como Bosman preconceituosamente define as entidades locais, também eram consultados em tempos de guerras, durante barganhas políticas e, até mesmo, na realização de simples viagens. Nestas ocasiões, oferendas – geralmente, de porcos e coelhos sacrificados, ou de vinhos, roupas e ouro – eram feitas às entidades invocadas. Segundo Bosman, os sacerdotes locais – tidos por ele como “trapaceiros” – roubavam todas as oferendas, deixando apenas “o excremento” dos animais sacrificados para os “ídolos”.<sup>24</sup> Outro excerto etnograficamente relevante do relato de Bosman é o referente aos instrumentos usados pelos sacerdotes para consultar as entidades, assim

---

20 Idem.

21 Idem, p. 150-151.

22 Ao descrever os ingredientes dos “fetiches”, ele usa o termo “excrementos imundos”. Idem, p. 150-151.

23 Idem, p. 150-151.

24 Idem.

como os métodos usados por eles: um destes era o uso de um feixe de cerca de 20 pedaços pequenos de couro, no meio do qual se prendiam alguns objetos (com os quais se preenchiam, posteriormente, o cachimbo do sacerdote oficiante); outro era o uso de “nozes selvagens” (de cola?), lançadas (em um tabuleiro-oráculo, como o do Ifá iorubá?) para obter as respostas às perguntas feitas pelos consulentes. No primeiro caso, os ingredientes embaralhados pelo sacerdote ora pressagiavam fortúnios ora infortúnios<sup>25</sup>; no segundo caso, as “previsões” eram feitas contando o número de nozes, levando-se em consideração se eram pares ou ímpares.

Em seu julgamento preconceituoso, para Bosman, estes expedientes eram usados pelos sacerdotes-adivinhos apenas para extorquir os seus consulentes, os quais o comerciante holandês considerava, invariavelmente, gente “estúpida” e “crédula”.<sup>26</sup> Caso a realidade contrariasse as previsões dos adivinhos consultados, afirma Bosman, estes sempre diziam que os deuses invocados estavam zangados porque os consulentes não realizaram os rituais prescritos da forma correta; e, com essa desculpa, os adivinhos manteriam, segundo ele, as suas reputações intactas.<sup>27</sup>

Em casos de calamidades públicas, relata Bosman, os chefes locais consultavam seus oráculos e, havendo um veredito dos deuses, todos os habitantes locais seguiam piamente as ordens deles emanadas. Em casos de más pescas, rituais eram feitos ao mar; ademais, as aldeias possuíam bosques – locais considerados sagrados – para a realização de toda sorte de oferendas aos deuses e ancestrais. Cada pessoa tinha, ainda, seu “deus particular”, ao qual adorava, por meio de rituais singulares, no dia da semana em que nasceu. Neste dia, o nativo não bebia vinho de palma antes do pôr-do-sol, vestia-se de branco

---

25 Segundo Bosman, entre os negros da Costa, grosso modo, ser recompensado pelos deuses significava multiplicar o número de esposas; ao passo que ser punido, ao contrário, seria ser privado delas. Idem, p. 155. O comerciante holandês afirma, ainda, que alguns negros que habitavam o interior (como os de Aquambue), dividiam os seus dias entre “de sorte” (19 dias) e “de azar” (sete dias). Nestes últimos dias, eles não realizavam nada de importante: não viajavam, não tomavam decisões importantes etc. Idem, p. 160.

26 Digno de nota é o fato de que o forte preconceito nutrido por Bosman em relação aos guineenses não o impediu de se relacionar sexualmente com as mulheres locais, com cujas amantes ele teve dois filhos.

27 Idem, p. 152.



(cor da pureza) e pintava-se com argila branca. Também realizava oferendas.<sup>28</sup>

Os habitantes locais, de acordo com Bosman, acreditavam na vida após a morte. Alguns informantes lhe disseram que a pessoa, ao morrer, vai para “outro mundo”, onde se vive da mesma maneira que na Terra – o que explica as oferendas (feitas por amigos e parentes do morto) de bebidas, comidas, roupas e joias. Bosman ressalta que, entre os “negros da Costa”, não se encontrava a ideia de julgamento divino dos mortos pelas suas ações no plano terrestre: eles não teriam, assim, uma noção de recompensa/punição no *post-mortem*, como ocorria entre os cristãos. Exceção à esta regra eram os habitantes locais que incorporaram, pelo contato com o islamismo, a ideia do “paraíso de Maomé”: estes acreditavam que os mortos eram transportados por um rio local para este paraíso, caso cumprissem seus tabus, juramentos e oferendas aos deuses; os que fossem relapsos nestas obrigações se afogariam e seriam para sempre esquecidos. Outros, ainda, acreditavam que, após a morte, seriam levados para a “terra dos brancos”, o que, para Bosman, era um indício de que os negros locais interiorizaram sua inferioridade em relação aos europeus<sup>29</sup> – mas esta explicação não é convincente, pois pode ser que eles, a exemplo dos bantos, apenas acreditassem que os mortos têm a cor branca.<sup>30</sup>

Como em outras passagens já mencionadas, Bosman equipara os “negros da Costa” aos católicos, desta vez, no que toca à crença em “milagres” – o que, para ele, é uma prova cabal de credulidade.<sup>31</sup> Contudo, havia diferença entre ambos neste quesito: os guineenses defendiam que o milagre era um “presente de Deus”, ao que passo que os católicos tinham para si que “nenhum poder mágico” podia existir sem a “ajuda do Diabo”. A esse respeito, Bosman discorda de Oliver Dapper e de outros cronistas que defendem que os africanos ocidentais, em seus rituais, davam “louvor ao Diabo”, entendendo que eles, na verdade, “adoravam os seus falsos deuses”. Embora utilize a palavra “falso”,

---

28 Idem, p. 153-154.

29 Idem, p. 156.

30 MACGAFFEY, Wyatt. Religion and Society in Central Africa. Chicago: The University of Chicago Press, 1986, p. 43 e segs.

31 Os “negros da Costa” – para Bosman – tinham muitas “superstições” e a tudo atribuíam “milagres”. Idem, p. 161.

atitude que o levava a caracterizar as práticas religiosas locais como embustes, é digna de nota essa discordância em relação ao discurso inquisitorial/missionário católico.

Ao tratar dos *feticheer* (sacerdotes dos “fetiches”), mais uma vez Bosman reitera sua tese de que eles não passavam de “trapaceiros”. Entre estes, o “arquitrapaceiro”, segundo ele, era o sacerdote que vivia em uma “casa bonita no interior”, ao qual os habitantes locais atribuíam muitos milagres<sup>32</sup> e o tinham como um “semideus”.<sup>33</sup> Os “milagres” operados pelos sacerdotes locais eram, para Bosman, como dissemos, “falsos” e, por isso, não possuíam qualquer eficácia. Desse modo, tudo o que faziam, na conta do comerciante holandês, não passava de enganação, pois eles se aproveitariam da superstição dos habitantes locais para obter vantagens materiais e simbólicas.

Por fim, Bosman identifica nos “negros da Costa” a crença na existência do “Diabo” – o que, porém, julgamos equivocado, pois esta definição remete ao imaginário cristão; o correto seria conceituar o que ele descreveu como sendo forças espirituais maléficas. Seja como for, de acordo com Bosman, os habitantes locais temiam o “Diabo” e promoviam rituais para bani-lo.<sup>34</sup> Bosman conjectura que eles acreditavam na existência de não apenas um, mas de vários demônios, já que cada cidade costumava realizar cerimônias para expulsar o seu próprio “Diabo”. Em algumas regiões, estas forças maléficas não eram expulsas, mas apaziguadas pelos habitantes locais: no País de Antese, por exemplo, o “Demônio-Gigante” era aplacado à base de ofertas de bebidas e alimentos.<sup>35</sup> Os rituais de apaziguamento também eram dirigidos aos poderosos recém-falecidos, que, de acordo com a crença local, eram frequentemente vistos nas proximidades das suas antigas casas. A crença na aparição de “espíritos e fantasmas” era, aliás, segundo Bosman, muito recorrente entre os “negros da Costa”.

---

<sup>32</sup> Tais como: comandar vento/clima, conhecer o futuro/passado, curar todo tipo de enfermidade, julgar quem passava pelas imediações de sua casa (permitindo que os de “boa vida” fossem embora, mas matando os “maus”) etc.

<sup>33</sup> BOSMAN, A new and accurate description, p. 156-157.

<sup>34</sup> Alguns destes rituais tinham a duração de 18 dias. Idem, p. 158.

<sup>35</sup> Idem, p. 158.

[p. 145]

## CARTA X

### DESCREVENDO AS VÁRIAS RELIGIÕES DOS NEGROS

*Suas opiniões sobre uma Divindade, e os diferentes sentimentos sobre a criação do homem: Forma de juramento solene em várias ocasiões. A maneira de fazer perguntas ao seu ídolo; como é administrado, e as fraudes de seus sacerdotes por causa disso. Como, e em que ocasiões, exercícios públicos e solenes de religião são aqui prescritos. Cada pessoa privada tem seu Falso Deus e seus feriados particulares, que ela nomeia em homenagem a Ele; as ofertas a Ele. Qual seria a forma mais eficaz de converter os negros ao cristianismo. De suas carnes proibidas: suas opiniões sobre seus falsos deuses. A recompensa do Bem e do Mal. De assassinato e adultério, etc., portanto, entre eles. Diversas opiniões sobre uma vida futura. Padres milagrosos que vivem no interior. O que os negros pensam do Diabo, Conjuradores e aparições. Como eles expulsam demônios. Apenas dois festivais entre eles. A diferença entre dias felizes e infelizes. Eles são muito supersticiosos. Um exemplo disso.*

Minha última carta foi muito longa; e se eu tratar o assunto amplamente, essa não será muito mais curta: Pois a Religião dos Negros, da qual pretendo

[p. 146]

falar, terá matéria suficiente para um livro sozinho, em razão dos numerosos e diferentes tipos dela: Pois não há aldeia ou cidade, ou melhor, eu diria, nenhuma família particular que não difira de outra neste aspecto: Mas por pensar que não vale a pena recontar todas as várias opiniões, eu irei, portanto, repassá-las, e apenas falar de sua religião pública e adoração; no que quase todos concordam.

Quase todos os negros da costa acreditam em um Deus verdadeiro, a quem atribuem a criação do mundo e todas as coisas nele, embora de uma forma grosseira e indigesta, não podendo formar uma ideia justa de uma Divindade.

Não estão obrigados a si próprios nem à tradição dos seus ancestrais pela sua opinião, por mais rude que seja, mas ao seu diálogo diário com os europeus, que de tempos a tempos têm continuamente se esforçado para implantar neles esta noção. Existem duas razões que me confirmam este sentimento: A primeira, que eles nunca fazem nenhuma oferta a Deus, nem o invocam em tempo de necessidade; mas em todas as suas dificuldades, eles se aplicam ao seu *Fetiché* (do qual falaremos mais adiante) e rogam a ele por sucesso em seus empreendimentos: A segunda são as diferentes opiniões de alguns deles sobre a Criação; pois grande parte dos negros acredita que o homem foi feito por *Anansié*, ou seja, uma grande aranha: os demais atribuem a Deus a criação do homem, que afirmam ter acontecido da seguinte maneira: Dizem-nos que Deus começou a criar tanto homens negros quanto os brancos; assim, não só insinuando, mas também tentando provar que sua raça estava tão no mundo quanto a nossa; e para conceder uma honra ainda maior a si mesmos, eles nos dizem que Deus, tendo criado esses dois tipos de homens, ofereceu dois tipos de presentes, quais sejam: o ouro e o conhecimento ou artes da leitura

[p. 147]

e da escrita, dando a primeira eleição aos negros, que escolheram o ouro, e deixou o conhecimento das Letras para os brancos.<sup>36</sup> Deus atendeu ao pedido deles, mas indignado com sua avareza, resolveu que os brancos deveriam ser seus senhores para sempre, e eles se obrigaram a servi-los como escravos. Outros ainda afirmam que o homem em sua primeira criação não foi moldado como atualmente; mas que aquelas partes que servem para a distinção dos sexos em homens e mulheres, foram colocadas mais à vista para a conveniência da reprodução: O que pensam vocês, senhores, não é esta uma noção ridícula? Não seria isso muito prestativo aos turcos às vezes para saciar seus apetites bestiais com mulheres de uma maneira não natural, para não mencionar sua sodomia com os homens?

Eu encontrei muito poucos negros deste sentimento; mas tendo perguntado aqueles que são seus assertores, quando a forma do Homem foi alterada para

---

<sup>36</sup> Os negros acreditam que não há ouro em nenhum outro país além do seu; e que nenhum negro tem qualquer conhecimento ou a arte das letras; nem têm qualquer noção da extensão do mundo, pelo que recordamos de nossas informações.

seu estado atual: eles responderam que Deus o fez por respeito à modéstia, quando o mundo se tornou tão povoado que a forma atual foi suficiente para preservar a raça da humanidade. Outros na Costa do Ouro iriam nos persuadir de que os primeiros homens saíram de buracos e covas, como aquelas atualmente em uma grande rocha no mar, perto de nosso forte de Acra. Mas é hora de parar minha mão; pois se eu particularizasse todas as suas noções concernentes à Criação, à Lua e as Estrelas, em vez de ser curto, ficaria insuportavelmente tedioso. Direi apenas que o padre Kirchen não teria muita dificuldade em persuadi-los de que os planetas são povoados, ou pelo menos a Lua: pois já descobriram um companheiro batendo um tambor nela.

Prometi há pouco explicar a palavra *Fetiche*, que é usada em vários sentidos. *Fetiche* ou *Bossum*, na Língua Negra, deriva de seu

[p. 148]

Falso Deus, que eles chamam de *Bossum*. São eles inclinados a fazer oferendas a seus ídolos ou desejam ser informados de algo por eles? Eles gritam: “Vamos fazer *Fetiche*”; pelo que expressam tanto quanto: Vamos realizar nosso culto religioso, ver ou ouvir o que é a nossa fé de Deus. Da mesma maneira, se eles são feridos por outros, fazem *Fetiche* para destruí-lo da seguinte maneira: fazem com que alguns alimentos e bebidas sejam exorcizados por seu *Feticheer* ou Sacerdote, e os espalham em algum lugar pelo qual seu inimigo está acostumado a passar; acreditando firmemente que aquele que vier a tocar neste material conjurado certamente morrerá logo depois. Aqueles que temem vir a tais lugares, fazem com que sejam carregados sobre eles; mas é da maravilhosa natureza deste lixo exorcizado em nada afetar outras pessoas, nem aqueles que as carregam, ou qualquer outra pessoa além do endereçado. De modo que, embora a arte de envenenar seja uma peculiaridade favorita dos italianos, eles sempre se viram obrigados a colocar o inocente em perigo para chegar ao culpado, e nunca puderam encontrar um veneno tão distinto e discreto como este de nossos negros; embora deva confessar que gosto tão pouco dos italianos, que preferia passar por cima de tudo o que os negros podem me oferecer do que ter qualquer coisa a ver com os deles.

Se eles são roubados, eles fazem uso dos mesmos meios para a descoberta e punição condigna do ladrão: são tão obstinadamente fanáticos por esta opinião, que se você produzisse uma centena de exemplos de sua impotência, seria impossível alterar seus sentimentos, tendo eles sempre algo

pronto para cobrar seu sucesso contrário. Se qualquer pessoa for pega espalhando este veneno, ela é punida severamente, às vezes com a morte, embora esteja em

[p. 149]

última conta o roubo, que é aqui livremente permitido. Juramento obrigatório eles também chamam de fazer *Fetiche*; Se alguma obrigação deve ser confirmada, eles dizem: *deixe-nos como uma confirmação posterior fazendo Fetiche*. Quando eles bebem a *Bebida-de-Juramento*, isso é geralmente acompanhado de uma imprecisão: a de que o *Fetiche* pode matá-los se eles não cumprirem o conteúdo de sua obrigação. Toda pessoa que assumir qualquer responsabilidade é obrigada a beber esta bebida alcoólica. Quando qualquer Nação é contratada para ajudar outra, todos os chefes são obrigados a beber este licor, com uma imprecisão de que o *Fetiche* pode puni-los com a morte se eles não os ajudarem a extirpar seu inimigo com vigor máximo. Mas os juramentos nesta ocasião são tão frequentemente feitos e quebrados, que eles próprios não têm grande opinião sobre eles; além disso, eles descobriram uma maneira de se absolver de seus juramentos, tirar o dinheiro de quem os contratou para a assistência e agir diretamente contra sua obrigação: por ter firmado este compromisso solene ou juramento, na presença de seu sacerdote; eles não têm a menor dúvida de que está em seu poder livrar-se da obrigação. Você provavelmente dirá que se parece um pouco com o papado; mas asseguro-lhe que é, na realidade, tal como o representei. Mas, nos últimos anos, alguns negros são tão refinados que, antes de fazerem seus juramentos contratuais, obrigam o sacerdote a jurar e beber o juramento, com uma imprecisão para que o *Fetiche* o castigue com a morte, se algum dia disser a qualquer pessoa o seu juramento sem o consentimento unânime de todos os interessados nesse contrato. Os juramentos feitos dessa maneira são geralmente mantidos sem violação e executados pontualmente. Se você perguntar que opinião os negros têm daqueles que falsificam suas obrigações confirmadas pelo juramento;

[p. 150]

eles acreditam que a pessoa perjurada ficará inchada com aquela bebida até explodir; ou se isso não acontecer, que ela em breve morrerá de uma doença enlouquecedora: a primeira punição que eles imaginam mais peculiar às mulheres, que tomam esta bebida para absolver-se de qualquer acusação de adultério; e se me permitem fazer uma comparação, esta bebida parece muito com a água amarga administrada às mulheres no Antigo Testamento como meio de purgação da acusação de adultério. Assim, na descrição da religião dos negros, encontro-me insensivelmente caído sobre seus juramentos; mas, uma vez que mesmo isso faz parte do culto religioso, tenho alguma desculpa para prosseguir com esse assunto um pouco mais adiante. Se qualquer pessoa for suspeita de roubo e a acusação não for claramente feita, ela é obrigada a limpar-se bebendo o juramento e usar a imprecação para que o *Fetiche* possa matá-la se ela for culpada de roubo. As várias maneiras de fazer juramentos são tão numerosas, que eu cansaria vocês e também a mim mesmo com a repetição delas: Portanto, devo me contentar em adicionar apenas um estimado, o mais solene e obrigatório, que só é usado em ocasiões importantes, e é da seguinte maneira.

Cada sacerdote ou *Feticheer* tem seu ídolo peculiar, preparado e ajustado de uma maneira particular e diferente, mas a maioria deles seguem a descrição abaixo. Eles têm um grande cachimbo de madeira cheio de terra, óleo, sangue, ossos de homens e feras mortas, penas, cabelo; e, para resumir, todos os tipos de lixos e excrementos imundos, que eles não procuram moldar em qualquer forma, mas colocá-los em uma pilha confusa no cachimbo. O negro que deve fazer um juramento perante este ídolo é colocado diretamente em frente a ele, e pergunta ao sacerdote o nome de seu ídolo (cada um tendo um em particular);

[p. 151]

de que sendo informado, ele chama o Fetiche pelo seu Nome, e recita amplamente o conteúdo do que ele pretende vincular por um juramento, e torna isso seu pedido requisitando que o Ídolo possa puni-lo com morte se ele jurar falsamente; então ele dá a volta no cachimbo, para e jura uma segunda vez no mesmo lugar e maneira de antes, e então uma terceira vez da mesma maneira: depois da qual o sacerdote tira alguns dos ingredientes mencionados para fora do cachimbo; com o qual ele toca a cabeça, os braços, a barriga e as

pernas do jurante e, segurando-o acima da cabeça, gira-o três vezes; em seguida, ele corta um pedaço da unha de um dedo de cada mão, e de um dedo de cada pé, e parte do cabelo de sua cabeça, que ele joga no cachimbo onde o ídolo está alojado; tudo o que foi feito no juramento é firmemente obrigatório. Mas voltando-nos para outro assunto.

Quando os negros pretendem começar uma guerra, fazer uma barganha, viajar ou tentar qualquer coisa importante, seu primeiro negócio é consultar seu Falso Deus pelo sacerdote, a respeito do evento de seu empreendimento, que muito raramente profetiza o mal, mas geralmente os encoraja a esperar um sucesso próspero; que eles assumem sua palavra, não duvidando do assunto em absoluto, e obsequiosamente executam todas as ordens do sacerdote; que geralmente os obriga a oferecer ovelhas, porcos, aves, cães e gatos ao seu ídolo; ou em outras ocasiões, talvez, roupas, vinho e ouro; pelo qual o sacerdote tem certeza de ser o maior ganhador, pois ele varre tudo para si, apenas apresentando o lixo e os excrementos do sacrifício abatido a este Deus para se divertir com isso: E assim, além do dinheiro dado a ele, ele faz uma mudança para pagar a si mesmo muito bem fora das ofertas para seu pequeno problema.

[p. 152]

Se o padre está inclinado a obrigar o consulente, a pergunta é feita ao ídolo em sua presença e geralmente em um dos dois métodos a seguir. A primeira forma é por meio de um feixe de cerca de vinte pequenos pedaços de couro; no meio do qual prendem algum lixo da mesma natureza; com isso eles enchem o cachimbo mencionado; Alguns desses ingredientes prometem bom sucesso, outros ameaçam o contrário. O sacerdote embaralha várias vezes este pacote e, se todos aqueles que pressagiam um bom acontecimento se reúnem frequentemente, ele garante ao consulente que seu empreendimento terminará bem. Mas é aqui que se deve observar que o sacerdote hábil pode, com um ligeiro esforço, fazer com que os couros se juntem; e que se ele lhes der uma resposta infeliz ou desanimadora, é apenas para extorquir mais ofertas deles, com o pretexto de apaziguar o Deus enfurecido, mas na realidade para redobrar seus próprios privilégios.

A segunda forma de consultar seus ídolos é por meio de uma espécie de nozes selvagens; que eles fingem falsear por suposição e deixam cair novamente: depois disso, eles as contam e formam suas previsões a partir dos números



pares ou ímpares. Em suma, os sacerdotes, que geralmente são rebeldes e astutos, encorajados pela credulidade estúpida do povo, têm toda a oportunidade do mundo para impor os mais grosseiros absurdos e encher seus bolsos; como eles de fato fazem efetivamente. Pois se o que ocorrer refuta seu preságio, ele sempre tem desculpas: os ritos sagrados não foram realizados com cuidado, esta ou aquela parte dele foi atrapalhada ou omitida, o Deus está, portanto, enfurecido, e é por essa razão que o assunto foi tão mal sucedido. Isso é engolido levemente. O sacerdote nunca é acusado de falsidade; Se toda a terra for arruinada, sua reputação permanecerá segura e intocada: Mas, se por acaso seus augúrios acontecerem, não

[p. 153]

haverá no mundo um homem mais sábio ou santo, e ele certamente não perderá sua recompensa.

Os exercícios religiosos gerais públicos de uma nação ou cidade inteira são habituais devido à falta de estação ou tempo infrutífero em enchentes ou uma grande seca: Quando o chefe da cidade ou nação se reúne e se aconselha com o sacerdote sobre qual curso é mais adequado para remover a presente calamidade pública; e o que eles pedem é imediata e ridiculamente comandado ou proibido na terra por um clamor público; e quem ousar ter a pretensão de agir contrário a esta ordem, certamente incorrerá em grande penalidade pecuniária. Quando a pescaria está em vazante baixa, eles fazem oferendas ao mar: mas isso geralmente acontece por volta de agosto ou setembro, quando a experiência lhes diz que uma grande quantidade de peixes é comumente pescada, mas sempre se acredita que isso seja um efeito da oferenda.

Quase todas as aldeias têm um pequeno bosque apropriado, onde os governadores e chefes frequentemente se dirigem para fazer suas oferendas; seja para o bem público, seja para eles próprios. Esses bosques são considerados sagrados; ninguém presume contaminá-los, arrancar, cortar ou quebrar qualquer galho de árvore; que, além do castigo de costume, não está disposto a se submeter a uma maldição universal.

Cada pessoa em particular tem seu Deus Falso peculiar, que ela ou a pessoa adora à sua maneira, no dia da semana em que nasceu. Eles chamam isso de *Bossum*, ou em seu dia-santo português, no qual não bebem vinho-de-palma

antes do pôr-do-sol: Eles são vestidos de branco e, como um sinal de pureza, untados com terra branca. A maioria dos negros, especialmente o Principal, tem, além deste, outro dia semanal santificado para seu *Fetiche*. Nestes dias matam um galo, e

[p. 154]

algumas vezes, se forem ricos, uma ovelha, que oferecem ao seu Deus apenas em palavras; pois eles imediatamente caem sobre ele e o rasgam em pedaços com seus dedos: tomando-se como certo, que é suficiente dizer que foi morto por ele: E como ele não tem nada disso, assim o dono, quando uma ovelha é morta, nesta conta tem a menor parte dela; pois seus amigos e conhecidos caem como um cachorro em cima de uma vaca doente, cada um tão avidamente quanto estritamente observando sua oportunidade de agarrar um pedaço, que vai imediatamente para o fogo, sujo ou limpo não é grande coisa: Cortam as tripas em pequenos pedaços e, espremendo os excrementos com os dedos, fervem-nos junto com os pulmões, o fígado e o coração, com um pouco de sal e malagueta, ou pimenta-da-Guiné, sem limpar o sangue. A isso chamam *Eyntjeba*, e é considerada a maior iguaria que pode ser vista.

Se fosse possível converter os negros à religião cristã, os católicos romanos teriam mais sucesso do que nós, porque eles já concordam em vários detalhes, especialmente em suas cerimônias ridículas; pois os romanistas se abstêm de carne um ou dois dias por semana; estes também têm seus dias em que deixam de beber o vinho; o que, considerando que eles são grandes amantes dele, é um tanto severo. Os romanistas têm seu tempo designado para comer tipos peculiares de alimentos, ou talvez se abster totalmente deles, em que os negros os superam; para cada pessoa aqui é proibido comer um tipo de carne ou outro; um não come carneiro, outro não come carne de cabra, boi, carne de suíno, ave selvagem, galos com penas brancas etc. Esta restrição não é colocada sobre eles por um tempo limitado, mas por toda a sua vida: e se os romanistas se gabarem das antiguidades de seus Comandos Eclesiásticos; então, se você perguntar aos

[p. 155]

negros por que eles fazem isso, eles prontamente lhe dirão, porque seus ancestrais o fizeram desde o início do mundo, e isso foi transmitido de uma era à outra pela tradição. O filho nunca come o que o pai reprimiu, como aqui a filha segue o exemplo da mãe; e esta regra é tão estritamente observada entre eles, que é impossível persuadi-los do contrário.

Já vos informei do significado da palavra *Fetiché*, que é principalmente usada no sentido religioso, ou pelo menos é derivado daí: Antes de prosseguir, eu informarei como eles representam os seus deuses, apenas indicando que todas as coisas feitas em honra de seus Falsos Deuses, nunca tão más, são chamadas de *Fetiché*: e, portanto, também do ouro artificial mencionado na minha sexta carta deriva seu nome.

Como seus deuses são representados por eles, ou que ideia eles têm deles, eu nunca pude aprender, porque na verdade eles mesmos não sabem: o que podemos observar é que eles têm um grande número de Falsos Deuses; que cada homem, ou pelo menos cada governante, tem um; que eles são persuadidos a inspecionar estreitamente seu curso de vida, recompensar o bem e punir os homens maus; mas suas recompensas consistem na multiplicidade de esposas e escravos, e suas punições na falta deles; embora a punição mais terrível que eles possam imaginar seja a morte; do qual eles têm um medo terrível; E, de fato, é isso que inflama seu zelo nos assuntos religiosos, e ocasiona sua abstinência de comidas e bebidas proibidas, temendo que pudessem morrer se provassem apenas uma vez. Assassinato, adultério, roubo e todos os outros crimes semelhantes não são considerados pecados aqui, porque podem expiá-los com dinheiro; o que eles não podem fazer em

[p. 156]

quaisquer outras ações, que ainda podem ser cobradas em seu acerto de contas. O Sr. Frederick Cojet, ao descrever as opiniões dos habitantes de Formosa, relata o mesmo a respeito deles.

Suas noções da condição futura são diferentes; a maioria deles acredita que, imediatamente após a morte de qualquer pessoa, ela vai para outro mundo, onde vive no mesmo caráter que aqui, e faz uso de todas as ofertas de seus amigos e parentes feitas aqui após sua morte: Mas eles não têm ideia de recompensas ou punições futuras, pelas boas ou más ações de sua vida passada;

exceto alguns deles, que tomam como certo, que os falecidos são imediatamente transportados para um famoso rio, situado no interior do país, chamado *Bosmonque*: (supondo que isso seja tomado em um sentido espiritual, porque visivelmente parece que o corpo é deixado com eles.) É aqui que seu Deus pergunta que tipo de vida eles viveram: eles religiosamente observaram os dias santos, dedicados a seu Deus, se abstiveram de todas as comidas proibidas e, inviolavelmente, guardaram seus juramentos? Eles são suavemente flutuados sobre o rio para uma terra abundante em todo tipo de felicidade, não muito diferente do Paraíso de Maomé. Mas se, pelo contrário, o falecido pecou contra qualquer uma das regras mencionadas, seu Deus o mergulha no rio, onde ele estará afogado e enterrado no esquecimento eterno.

Outros estão persuadidos de que, após a morte, são transportados para a Terra dos Brancos e transformados em homens brancos: Isso é um pouco como a Metempsicose de Pitágoras e serve para sugerir agora muito mais honroso que consideram os homens brancos além de si mesmos.

Os negros do interior informam aos negros que vivem entre nós que um grande *Feticheer* ou sacerdote mora em uma casa muito bonita no interior; dos quais eles relatam nada além de milagres: Eles afirmam,

[p. 157]

que os ventos e o clima estão sob seu comando, e que ele pode mudá-los quando quiser; que embora sua casa não tenha telhado, está sempre protegida da chuva; que ele não apenas conhece todas as coisas passadas, mas pode prever com precisão todos os eventos futuros como se estivessem presentes diante de seus olhos, e cura todos os tipos de enfermidades: Em suma, ele sabe tanto, e faz coisas tão maravilhosas, que pai Marcus Avianus seria obrigado a ficar descalço, e de fato não era nada comparado a ele. Seus compatriotas afirmam que todos os que estão perto de sua residência devem comparecer e ser examinados por ele; e que, se for descoberto que eles levaram uma vida boa, ele os manda embora em paz para um lugar feliz: mas, em caso contrário, ele os mata uma segunda vez com uma clava feita especialmente para esse fim, e colocada diante de sua morada, para que esteja sempre à mão. Daí você pode facilmente inferir se esse negro não é incrivelmente reverenciado e estimado por seus compatriotas; e, de fato, eles olham para ele como uma espécie de semideus: tão rapidamente este arquitrapaceiro insinuou esta grande opinião sobre si mesmo nas mentes dos vizinhos que (esta não é uma

história velha, estando ele vivo neste momento) eles relatam todos os dias novos milagres dele.

Por isso, você pode ver que os conjuradores e comerciantes de milagres não são coisas estranhas entre os negros; eles acreditam firmemente neles, mas de uma maneira diferente dos nossos ridículos opinativos europeus; que estão convencidos de que nenhum mágico pode fazer qualquer façanha sem a ajuda do Diabo: Pelo contrário, os negros não duvidam, mas isso é um presente de Deus, e embora na realidade seja uma trapaça simples, eles ainda, ignorantes da fraude, a engolem como um milagre, acima do poder humano; mas para que o Diabo não participe da honra, eles atribuem

[p. 158]

tudo a Deus: E da minha parte, se houvesse algum homem dotado de tais qualidades sobrenaturais, eu certamente concordaria com os negros em atribuí-lo a Deus, e não para o Diabo.

Já que falamos sobre este assunto, não devo esquecer de informar que os negros acreditam que existe um Diabo, e que ele frequentemente lhes faz um grande mal: Mas o que os autores escrevem, que orem e façam oferendas a ele, é totalmente falso. Se não me engano, li em Oliver Dapper<sup>37</sup> que os negros nunca comem nem bebem sem jogar uma parte disso na terra para o Diabo; mas isso é um grande erro; é verdade, de fato, que antes de comerem ou beberem, costumam jogar um pouco fora, mas isso não é para o Diabo, eles não estão sujeitados a Ele a tal ponto; é para o seu Falso Deus ou, às vezes, para seu amigo falecido.

O Diabo é banido anualmente de todas as suas cidades com abundância de cerimônias, em um horário designado para esse fim. Já o vi duas vezes em Axim, onde eles fazem o maior alvoroço. Esta procissão é precedida por uma festa de oito dias, acompanhada por todos os tipos de cantos, saltos, danças,

---

37 N.T.: Há na obra de Dapper (1688) “abundante material histórico (entendido como não-contemporâneo),” pois ele, ao contrário da maioria dos demais autores (como Bosman), “não era um observador direto, mas apenas um compilador de relatos alheios.” FAGE, A evolução da historiografia da África, p. 6.

felicidade e alegria: tempo em que uma perfeita liberdade de satirizar é permitida, e escândalos são tão altamente exaltados que eles podem cantar livremente sobre todas as faltas, vilanias e fraudes de seus superiores, bem como de seus inferiores, sem punição, ou ao menos a menor interrupção; e a única maneira de tapar suas bocas é enchê-las de bebida vigorosamente, o que altera seu tom imediatamente e transforma suas baladas satíricas em canções elogiosas sobre as boas qualidades daquele que os tratou tão nobremente.

No oitavo dia pela manhã, eles caçam o Diabo com um grito sombrio, todos correndo um após o outro, jogando excrementos, pedras, madeira ou qualquer coisa que eles possam atingir,

[p. 159]

tão espesso quanto granizo aos posteriores de Satanás. Depois de levá-lo para longe o suficiente da cidade, todos voltam; e assim concluem seus oito dias divinos, ou melhor, de serviço diabólico. A partir daí, podemos observar que eles acreditam que há mais demônios do que um, porque ele é expulso em mais de cem cidades ao mesmo tempo. E para garantir que ele não volte para suas casas, as mulheres lavam e vasculham todos os seus vasos de madeira e barro, bem limpos para livrá-los de toda a impureza e do Diabo.

Os negros de Ante também expulsam o Diabo da mesma maneira: Mas esses pobres coitados são atormentados por um Diabo pior, embora o chamem de Deus. Este é um gigante, sendo um lado de seu corpo encontrado com outro podre, que se qualquer pessoa tocar, ela morre imediatamente; (o que eu acredito sem o mínimo escrúpulo.) Esse demônio ou Deus crescido (pois a diferença não é muito grande) eles se esforçam para apaziguar com alimentos; para o qual milhares de potes ou bebedouros de alimentos são continuamente encontrados em pé em todo o país de Antese; de modo que deve ter um apetite pior do que o canino, se não tiver o estômago cheio.

Eles acreditam firmemente na aparição de espíritos e fantasmas, que frequentemente perturbam e aterrorizam algumas pessoas: De modo que quando qualquer pessoa, mas especialmente qualquer pessoa considerável, morre, eles ficam mutuamente perplexos com medos horríveis, procedentes da opinião que ela aparece por várias noites sucessivamente perto da sua última morada.

Não há outros tempos solenes ou festivais, a não ser aquele em que termina a sua colheita, que chamamos de sua feira, e o do banimento do Diabo.

Exceto o que os negros aprenderam com os europeus, eles não têm noção da divisão

[p. 160]

do ano em meses e semanas; mas calculam seu tempo pelo brilho da lua; de onde também constatam quando é apropriado semear: Mas parece-me muito provável que eles estejam familiarizados há muito tempo com a divisão dos meses em semanas e dias, porque cada dia da semana tem seu nome próprio em seu idioma. O sábado deles cai na nossa terça-feira, mas em Ante, como o dos maometanos, na sexta-feira; e não difere de outros dias de outra forma, a não ser que nenhuma pessoa pode pescar: mas todos os outros trabalhos são permitidos sem a menor interrupção, tão livremente como nos outros dias.

Os negros do interior dividem o tempo de uma maneira muito estranha, em sorte e azar: em alguns países, o grande tempo afortunado dura dezenove, e o menor (que é diferente do outro) sete dias; e entre esses há sete dias ruins ou infelizes, o que é uma espécie de férias para eles. Pois então eles não viajam até sua terra, ou empreendem qualquer coisa importante, mas permanecem completamente ociosos. Os habitantes de Aquamboe são mais fanáticos neste particular do que qualquer um dos outros: pois, além disso, não resolvem sobre qualquer assunto nestes dias nem aceitam de bom grado quaisquer presentes que lhes sejam feitos, devolvendo-os ou, em última instância, mantendo-os num determinado lugar distante até que cheguem os dias de sorte.

Quem primeiro estabeleceu essa distinção de dias bons e maus, eu não posso determinar; nem creio que qualquer pessoa possa: tudo o que posso conjecturar sobre a razão deles é que talvez algum homem importante entre eles pudesse ter sido afortunado por um lado e infeliz por outro; após observar isso ele teria resolvido transformar em uma regra, à qual ele ajustaria o resto de sua vida, e que outros conseqüentemente seguiram seu exemplo; isso cresceu primeiro em costume e, depois, em lei.

[p. 161]

Os habitantes de um país diferem muito dos de outro neste particular: Enquanto algumas nações contabilizam seus dias felizes em um momento, e os fixa em outro; os negros da costa não se preocupam nem um pouco com isso, acreditando em todos os tempos da mesma forma.

Na Costa do Ouro, os nativos não estão nem um pouco familiarizados com a adoração de imagens, mas em Arbra existem milhares de ídolos.

Acreditando ter me estendido o suficiente sobre a Religião dos Guineenses, abandonarei esse assunto; e para preencher um pequeno vazio nesta Carta, apenas insinuo algo de sua estranha superstição, nada incomum jamais acontecendo que não seja atribuído a algum milagre ou outro: do qual eu poderia cansar você e a mim mesmo com exemplos, que aconteceram desde que eu cheguei aqui; mas para evitar isso, vou me contentar com apenas um exemplo entre milhares.

Em novembro de 1698, o rei de Commany, antes nosso maior inimigo, foi morto em Cabocors pelos ingleses; e poucos dias após isso o nosso chefe principal em Elmina por acaso morreu, para grande tristeza dos negros, que concordaram unanimemente que o mencionado Rei de Commany o havia chamado para ir aos Campos Elisianos; e que, como ele não teve oportunidade, em vida, de enviar qualquer um de nossos chefes para lá, ele aproveitou a oportunidade, após sua morte, para obrigar alguém a segui-lo, por vingança, e para que pudéssemos ter menos motivos para triunfar por ocasião de sua morte. Até agora se estende sua horrível superstição; mas devemos deixá-los e é impossível nos separarmos, e concluirei isso com meu sincero respeito por vocês, senhores e senhoras.

## Referências

BOSMAN, Willem. A new and accurate description of the coast of Guinea, divided into the Gold, the Slave, and the Ivory coasts. London: Printed for Sir Alfred Jones by Ballantyne, 1907.

FAGE, John D. A evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO, Joseph. História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010, p. 1-22.



MACGAFFEY, Wyatt. Fetishism Revisited: Kongo Nkinsi in Sociological Perspective. *Africa* 47, 1977, p. 172-184.

MACGAFFEY, Wyatt. Religion and Society in Central Africa. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

PARÉS, Luis Nicolau. O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PEREIRA, Pacheco. Esmeraldo de Situ Orbis. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1956.

SILVA, Alberto da Costa e. A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

WILKS, Ivor. Bosman New and Costly. *The Journal of African History*, 9 (1): 164-166, 1968.

WILLETT, Frank. Arte africana. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2017.

**Recebido em 02 de abril de 2024**  
**Aprovado em 13 de junho de 2024**